

Apresentação

Introduction

Esdra Erlacher

As fontes textuais, epigráficas e imagéticas do mundo antigo revelam-nos a existência de inúmeros indivíduos que foram classificados, em razão de seu estilo de vida e de sua produção literária, como sofistas, filósofos ou *rhetores*. Muito embora nem sempre as fronteiras entre sofística e filosofia fossem tão delimitadas e rígidas, o fato é que a grande maioria dos praticantes desses saberes era constituída por homens de prestígio e influência em suas comunidades ou além delas.

Desde o século V a.C., as *póleis* abrigaram figuras como Górgias, Protágoras, Pródico e Hípias, conhecidos por seu domínio do discurso e pela capacidade de ensinar a arte da persuasão. Os sofistas, atuando como mestres itinerantes, muitas vezes, ofereciam aos cidadãos as ferramentas necessárias para intervir no debate público e nos tribunais. Importante destacar que a tradição, desde Platão e Aristóteles, construiu, em algumas situações, uma imagem ambígua ou negativa da sofística, contrapondo-a amiúde à filosofia. Tal oposição, porém, tem sido revisitada por autores contemporâneos, como Bárbara Cassin (2005), que reconhece a sofística como um movimento complexo, cujos membros desenvolveram sofisticadas teorias da linguagem, da persuasão e do saber. A historiografia mais recente contribuiu decisivamente para a reabilitação da sofística, tratando-a não como uma simples degeneração da filosofia, mas como outra maneira de conceber o discurso, o mundo e a verdade.

A partir do século IV a.C., observa-se também uma reorganização do pensamento filosófico mediante a consolidação das grandes escolas helenísticas — estoicismo, epicurismo, ceticismo e cinismo — que buscavam, de modo geral, ensinar como viver bem, alcançar a felicidade e manter a tranquilidade da alma. Muitas vezes, os mestres dessas doutrinas fundavam comunidades, escreviam tratados e praticavam a filosofia como forma de vida, com exercícios espirituais, meditação, autodomínio e estudo contínuo. Desse modo, tais escolas filosóficas desenvolveram não apenas suas doutrinas teóricas, mas também sistemas de vida, em um mundo de constantes transformações. Tal como afirma Reale (1994, p. 472), a filosofia das escolas helenísticas foi, efetivamente, uma filosofia da vida que pretendia ensinar a arte de viver. Nesse contexto, muitos filósofos tornaram-se educadores públicos e conselheiros, papel que, mais tarde, seria desempenhado por diversos praticantes da filosofia no mundo romano.

Já no que se refere ao Império Romano, Anderson (1993, p. 133) destaca que uma das características mais marcantes de sua “vida intelectual” foi a convivência (pacífica ou não) entre a sofística e a filosofia os principais pilares do “sistema” educacional greco-romano. Nesse contexto, verifica-se, por exemplo, uma intensa vida filosófica, de modo que estoicos, epicuristas e cínicos, a despeito da suspeita que vez ou outra despertavam, eram encontrados em plena atividade. Os sofistas também eram vistos discursando em público, intermediando os conflitos entre suas *póleis* ou *civitates* e a administração imperial, liderando embaixadas ou instruindo os habitantes a se comportar de determinada maneira.

Outro ponto digno de nota é que nem sempre é fácil classificar um indivíduo como sofista, filósofo ou *rhetor*, especialmente para o caso de Roma e de seu Império (Stanton, 1973, p. 350). Bowersock (1969) e Jones (1978) afirmam que, na época imperial, um orador poderia desempenhar ambos os papéis. Praticantes da sofística e da filosofia detinham, em muitos casos, a mesma formação, podendo realizar performances públicas e ensinar. Os sofistas tinham competência para organizar disputas filosóficas, ao passo que os filósofos podiam declamar composições, embora a primeira função coubesse mais a um filósofo e, a segunda, a um sofista (Silva, 2014, p. 176). Era comum que os indivíduos estudassem tanto filosofia quanto retórica e se dedicassem às duas disciplinas de modo similar (Anderson, 1993, p. 134). Este dossiê convida o leitor, a partir dos artigos que o compõem, a pensar os limites e interseções entre essas categorias — sofistas, filósofos e *rhetoires* — não como identidades fixas, mas como posições discursivas em disputa ou em diálogo.

De todo modo, filósofos, sofistas e *rhetoires* eram indivíduos importantes no contexto do mundo antigo, o que é atestado pela presença de diversas escolas de retórica nas cidades, do século V a.C. ao V d.C. (Bowersock, 1969, p. 2-3). Não podemos nos esquecer de que, de Antonio Pio a Justiniano, todas as *civitates* e *póleis* integrantes do *orbis Romanorum* eram encorajadas a erguer escolas de retórica com fundos públicos. Os mestres, por sua vez, eram isentos do pagamento de impostos às suas respectivas *curiae* ou *boulai* (Carvalho, 2010, p. 28).

Tais indivíduos desempenharam, assim, um papel fundamental na dinâmica política, especialmente quando nos referimos a Roma e ao seu Império, uma vez que gozavam de uma posição privilegiada em suas respectivas cidades. Não é raro encontrá-los ocupando cargos na administração municipal e provincial, além de manterem relações próximas com os imperadores (Silva, 2014, p. 172).

Atuavam, portanto, como uma espécie de liderança para o restante da população. Seu ofício estava associado à instrução das coletividades urbanas, o que era feito por

intermédio de declamações públicas nas quais os ouvintes eram convidados a refletir sobre as ideias expostas pelo locutor. A enorme popularidade que tinham, as redes de amizade que construíram nos meios urbanos, as inúmeras viagens que fizeram, sem contar sua proximidade com o governo imperial, foram, sem dúvida, suas marcas principais.

Feitas estas considerações, foi de nosso interesse, neste dossiê, analisar o papel desempenhado por sofistas, filósofos e *rhetores* na Antiguidade, destacando suas funções, estratégias discursivas, embates teóricos, interesses sociais, dentre outras questões que envolveram a atuação destes indivíduos. A partir de uma perspectiva interdisciplinar entre História, Filosofia, Literatura e Antropologia e de uma documentação bastante diversificada, os autores reunidos neste número se propuseram a compreender a atuação de uma série de sujeitos ou grupos do mundo antigo que, em virtude de suas expressões literárias e discursivas, reforçaram ou atenuaram identidades, posições ou projetos de poder. Os textos que o leitor encontrará nas próximas páginas são também um material valioso para a compreensão da circulação, produção e disseminação dos conhecimentos no Mediterrâneo antigo.

Desejamos, assim, uma excelente e produtiva leitura a todos e todas!

Referências

- ANDERSON, G. *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*. London: Routledge, 1993.
- BOWERSOCK, G. W. *Greek sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon, 1969.
- CARVALHO, M. M. *Paideia e retórica no séc. IV d.C.: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.
- CASSIN, B. *O efeito sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- JONES, C. P. *The Roman world of Dio Chrysostom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 1994. v. 3.
- SILVA, S. C. *O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da 'Vida de Apolônio de Tiana' (século III d.C.)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2014.
- STANTON, G. R. Sophists and philosophers: problems of classification. *The American Journal of Philology*, v. 94, n. 4, p. 350-364, 1973.